

UM PRÉDIO PARA O DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO UFSC

EDUARDO BRUNDO DE OLIVEIRA
18204016

orientador **JOSÉ RIPPER KÓS**
coorientador **LUÍS HENRIQUE PAVAN**

UFSC
ARQUITETURA E URBANISMO
trabalho de conclusão de curso
2025

agradecimentos

À minha família, que me ensinou amor e empatia. Aos meus amigos, que me incentivam a construir um mundo melhor. Aos meus companheiros de escola e de movimento estudantil, sem os quais eu não sobreviveria aos desafios da vida acadêmica. Aos trabalhadores da UFSC, e em especial aos do departamento de Arq. e Urb., que enfrentam condições insalubres para manter o prédio, o curso e a Universidade funcionando.

A todos professores, pesquisadores e servidores. Aos professores Eduardo Westphal, que iniciou as orientações deste trabalho, e Luís Henrique Pavan, que encarou uma orientação em andamento e não mediu esforços para vê-la bem sucedida. À Isabela, cujo companheirismo, suporte e carinho foram fundamentais no decorrer desse projeto. Muito obrigado.

motivação

Durante minha trajetória acadêmica, desenvolvi um olhar autocrítico em direção à própria Universidade e ao próprio curso. Desde o primeiro semestre, atuei ativamente no Centro Acadêmico Livre de Arquitetura (CALA), organizei greves, assembleias, mutirões de limpeza e de reformas no mais importante espaço dos estudantes, nosso “Pavilhinho”, lugar de luta, festa, descanso, trabalho, convívio, conflito, amor. Estive também presente como bolsista em diferentes âmbitos da Universidade, como na Coordenadoria das Fortalezas da Ilha de Santa Catarina (CFISC), no Laboratório de Sistemas Construtivos (LabSISCO) e na monitoria da disciplina de Projeto Arq. IV. Foram anos de uso intenso desse espaço, com momentos de alegrias, tristezas e aprendizado.

Nesses tantos momentos, um fato sempre me ocorreu: nosso prédio não faz jus ao nosso curso. Não reflete o que estudamos como boa arquitetura. Não nos dá bons exemplos no respeito à natureza e a APPs. Não demonstra, para quem o observa de longe, a importância da construção bem projetada, portanto não age como vitrine da atuação do arquiteto. Pelo contrário, as edificações do departamento escancaram o descaso com a Universidade Pública: um projeto executado pela metade, desfigurado do seu projeto original,

com patologias estruturais e completa ausência de manutenção e reparos - por falta de recursos e de gestão. Dessa frustração, nasce o ímpeto do trabalho, que se torna exercício simultâneo de projeto e de utopia. A vontade de imaginar, sonhar, idealizar **como poderia ser um prédio para o Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFSC**. Aproveitar da liberdade que não encontrarei no espaço profissional, onde a arquitetura se encontra alienada pela lógica do capital. Tomar partido de uma arquitetura pautada pela pedagogia do objeto construído, pela psicologia ambiental, pelo respeito ao entorno natural - tão violentado no Campus Trindade - e pelo indissociável aspecto comunitário do Fazer e Aprender arquitetura. Dar continuidade à recente e importante sequência de TCCs com enfoque no Curso e no Departamento. Juntar a herança deixada por colegas e amigos a fim de desenvolver um ensaio de projeto para as áreas ocupadas atualmente pelo “Prédio Branco” e pelo “Pavilhinho”, englobando assim discussões sobre o espaço físico do curso - especialmente suas carências -, sobre Canteiros Experimentais e a falta de um canteiro na atual escola, sobre os espaços e a atuação do CALA, e sobre as Áreas de Proteção Permanente ignoradas pelas construções no Campus.

sumário



1. síntese do projeto	4
2. o campus e a escola	5
3. o prédio atual	6
4. breve história da formação em arquitetura - ocidente e brasil	7
5. relações pedagógicas vs prédios	8
6. currículos de 1997 e 2025	9
7. determinantes de projeto	10
8. partido arquitetônico	11
9. representação gráfica	12
10. referências	30



santa catarina



florianópolis



ufsc



terreno do dep. de arquitetura e urbanismo ufsc

síntese do projeto

A proposta se organiza a partir da contraposição de dois volumes: um Embasamento multifuncional que flutua sobre o terreno, e uma Torre estruturada por pilares e vigas de MLC (Madeira Laminada Colada), distri. Partindo do nível da calçada, o térreo se estabelece como integração com a paisagem, leveza e respeito à escala humana. Há, inclusive, a possibilidade de dissolver os limites entre construído e paisagem, com grandes fachadas translúcidas e de correr. Ainda no térreo, o amplo átrio, livre, oferece diversidade de uso e apropriação por parte dos usuários. Grandes planos de cobertura inclinada sombreiam o embasamento e delimitam a transição térreo-torre.

Entre os volumes, e parcialmente coberto pela Torre, desenha-se um Bosque. Circuncidando

o Bosque, uma longa arquibancada faz elo entre o volume de embasamento e o bosque, produzindo também um espaço de convívio, de desconpressão e de manifestações políticas.

Um prisma retangular conforma a Torre, tendo em vista a legibilidade do programa e das circulações. Ali, a verticalidade é explorada para salas de aulas, ateliês e laboratórios.

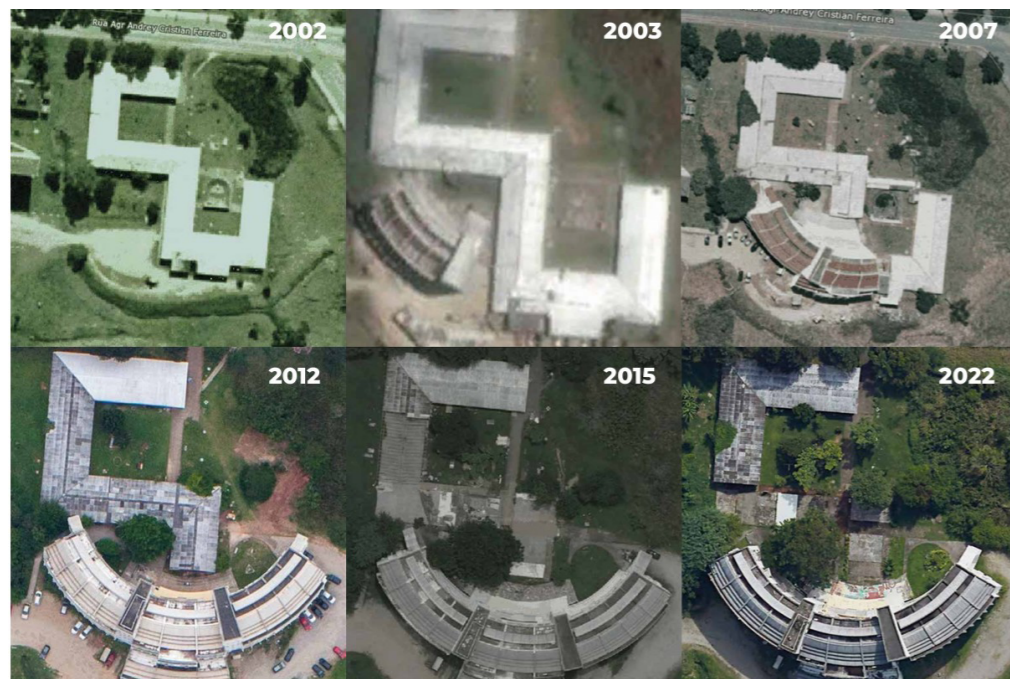
Alinhada ao eixo norte-sul, a lógica estrutural do edifício estabelece ritmos visuais e deixa explícita a adaptabilidade do sistema e da grelha utilizados. A estrutura aparente é também onipresente: faz parte do convívio, da circulação, do uso e dos eixos visuais.



o campus e a escola



Curso de Arquitetura no prédio do CTC. Fonte: Biesuz, 2022



Transição entre prédio verde e prédio branco. Fonte: Biesuz, 2022

A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) foi fundada em 1960, a partir da fusão de faculdades existentes e da criação da Faculdade de Engenharia. Desde sua origem, contudo, a definição de sua implantação territorial foi objeto de debate. Os planos iniciais indicavam que novos institutos de pesquisa seriam construídos no bairro da Trindade, enquanto os cursos já existentes permaneceriam no centro da cidade.

Esse processo de consolidação institucional foi profundamente impactado pela Reforma Universitária de 1968, fortemente influenciada pelos Estados Unidos por meio do acordo MEC–USAID. Tal reforma visava modernizar o sistema educacional brasileiro em alinhamento com o capital internacional e, como consequência direta, impôs a departamentalização no interior da UFSC. Nesse contexto, o curso de Arquitetura e Urbanismo – iniciado em 1977, em meio a um intenso ativismo estudantil como resposta à ditadura militar – foi inicialmente vinculado ao Departamento de Engenharia Civil. À época, tratava-se do 16º curso de arquitetura do país e do primeiro de Santa Catarina, contando com um corpo docente jovem, oriundo de diversas regiões do Brasil.

Além dessa vinculação institucional, a dependência do curso em relação às estruturas da engenharia foi intensificada pela implementação do Ciclo Básico, que exigia a realização de disciplinas comuns antes da especialização profissional. Tal arranjo levou à competição por vagas nas disciplinas específicas e reforçou a condição de compartilhamento de espaços físicos. Dessa forma, o curso passou a ocupar instalações dos departamentos de engenharia, principalmente no Pavilhão de Engenharia Civil e no edifício “Básico” (atual CCE). Nesse período inicial, o curso não dispunha de espaços adequados para suas atividades e enfrentava conflitos ideológicos e políticos com os departamentos vizinhos.

A busca por uma escola mais independente e autônoma ganhou força a partir da década de 1990. Esse movimento resultou, em 1994, na doação de estruturas pré-fabricadas de madeira pela Eletrosul, que passaram a abrigar o Departamento de Arquitetura em um espaço próprio, fisicamente separado da Engenharia. Embora concebidas como temporárias, essas estruturas possibilitaram o desenvolvimento de uma cultura escolar própria, promovendo maior autonomia e experimentação. Do ponto de vista espacial, o arranjo do edifício de madeira favorecia a interação cotidiana e a construção de um forte senso de comunidade, enquanto

sua natureza transitória refletia uma abordagem não dogmática do curso. Nesse período, um corpo docente diversificado incorporava múltiplas perspectivas, e o currículo enfatizava a relação com a paisagem urbana e arquitetônica contemporânea.

Apesar das qualidades proporcionadas por essa solução provisória, a precariedade da manutenção e o próprio caráter temporário da construção levaram, ainda nos anos 1990, à intensificação das discussões sobre a necessidade de um espaço mais adequado. Como desdobramento desse debate, foi organizado, em 1998, um concurso interno de Anteprojeto, envolvendo equipes formadas por professores e alunos. O projeto vencedor, posteriormente conhecido como “Prédio Branco”, foi eleito por votação ponderada da comunidade acadêmica. Sua construção ocorreu em três fases, entre 2002 e 2009, passando por severas modificações em relação ao anteprojeto original e permanecendo, até hoje, incompleta.

Com seu desenho curvo e amplos espaços, o Prédio Branco constitui, a meu ver, uma edificação que apresenta qualidades arquitetônicas relevantes, especialmente no que se refere à sua concepção formal e espacial. Ao mesmo tempo, o edifício apresenta limitações significativas, sobretudo em função dos aspectos inacabados ou ausentes quando comparados ao anteprojeto apresentado no concurso. Além disso, sua implantação implicou na demolição de parte das antigas estruturas de madeira, resultando na perda de espaços e em alterações importantes na dinâmica cotidiana da escola.

Essa condição de sobreposição e fragmentação espacial se intensificou a partir de 2015, quando partes remanescentes da estrutura original de madeira, conhecidas como Pavilhão, passaram por processos de demolição motivados por preocupações estruturais. O processo foi marcado por controvérsias e conflitos entre a administração universitária e os estudantes, especialmente no que se refere à preservação e ao reaproveitamento dos materiais. Como resposta, em um gesto de resiliência e autonomia, uma parcela do Pavilhão foi reconstruída pelos próprios alunos, a partir de materiais recuperados e recursos próprios. Atualmente, o conjunto – composto por estruturas preservadas e reconstruídas – segue sendo mantido pelos estudantes, funcionando informalmente como canteiro experimental e, sobretudo, como espaço central de convivência e memória da escola, enquanto abriga as entidades estudantis e de extensão (CALA, AMA e ATARQ)

o prédio atual

Nesse cenário, o Prédio Branco assume papel central na organização espacial atual do curso, concentrando as funções institucionais e acadêmicas formais, na medida que abriga salas de aula, administração e laboratórios. Entretanto, ao analisar sua configuração e seu modo de funcionamento, tornam-se evidentes as dificuldades do prédio em articular as diferentes dimensões que compõem a vida acadêmica da escola. A separação entre espaços de ensino, convivência e

experimentação construtiva não apenas persiste, como é aprofundada, revelando limitações que extrapolam questões de uso e manutenção e se relacionam diretamente com decisões de implantação, organização interna e concepção arquitetônica. É a partir dessa condição que se torna necessária uma análise crítica do Prédio Branco, não como promessa de solução, mas como elemento ativo na produção das carências espaciais hoje vivenciadas pelo curso.



A análise do Prédio Branco, a partir das entrevistas realizadas com seus usuários, revela um conjunto de problemas recorrentes que apontam limitações estruturais na concepção e no funcionamento do edifício. As críticas concentram-se, sobretudo, na precariedade das condições de permanência e trabalho, evidenciando a dificuldade do prédio em responder às demandas cotidianas de uma escola de arquitetura. Questões relacionadas à iluminação insuficiente, à ventilação deficiente e ao desempenho acústico inadequado – especialmente nos ateliês – comprometem o uso dos espaços e afetam diretamente as atividades de ensino e produção coletiva.

Somam-se a essas questões deficiências relacionadas à infraestrutura, ao mobiliário e à acessibilidade. A inadequação e insuficiência do mobiliário, a carência de equipamentos e a ausência de um canteiro experimental integrado ao curso são apontadas como entraves à formação arquitetônica. Nesse sentido, o Prédio Branco, embora concebido como edifício definitivo do departamento, apresenta limitações que extrapolam problemas pontuais e revelam um distanciamento entre sua concepção arquitetônica e as necessidades pedagógicas, sociais e espaciais do curso.

Além dos aspectos de conforto ambiental, a organização espacial do edifício é frequentemente apontada como problemática. A setorização confusa, a distribuição pouco clara dos ambientes e a ausência de espaços qualificados de estar e convivência reforçam a fragmentação entre ensino formal, trabalho e vida cotidiana. Circulações mal iluminadas, áreas excessivamente expostas à chuva e espaços periféricos pouco utilizados contribuem para uma percepção de insegurança e para o isolamento de partes do edifício, evidenciando uma relação ambígua com o entorno imediato.

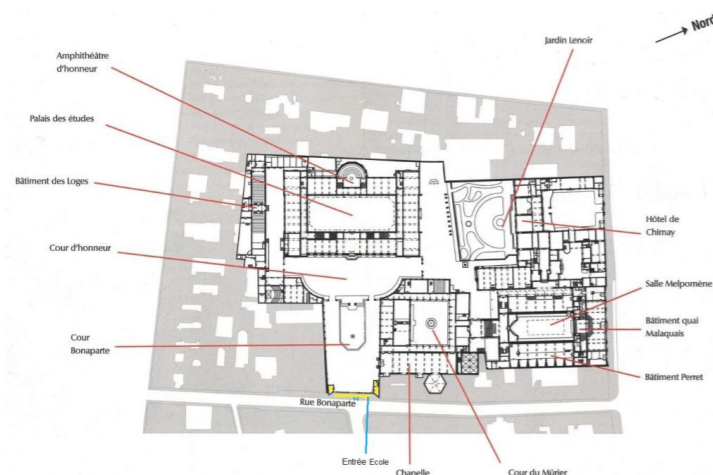
breve história da formação em arquitetura - ocidente e brasil



Fotografia, autor anônimo, retorno do Bal des Quat'Z'Arts em 04/06/1913. /
Fonte: Associação 4'Z'Arts.



Fotografia, autor anônimo, retorno do Bal des Quat'Z'Arts em 04/06/1913. /
Fonte: Associação 4'Z'Arts.



Fotografias do espaço físico. Fonte: Autor

Nesse contexto mais amplo, torna-se necessário situar a formação em Arquitetura e Urbanismo em uma perspectiva histórica, compreendendo-a como resultado de um longo processo de transformação de modelos pedagógicos, diretamente relacionado aos contextos históricos e sociais, à técnica e às formas de pensamento. Embora a intenção inicial desta pesquisa fosse estruturar um panorama aprofundado dessa formação, tal tarefa mostrou-se hercúlea e excederia o escopo de um Trabalho Final de Graduação. Diante disso, apresenta-se aqui um apanhado da história da formação do arquiteto no Ocidente,

Conforme Eduardo Westphal (2020), o primeiro espaço de ensino e aprendizado da arquitetura foi o canteiro. Nele, o saber era eminentemente prático e experimental, transmitido por meio da relação entre mestre e aprendiz. Ainda na Roma Antiga, embora não houvesse um ensino formal institucionalizado, a obra De Architectura, de Vitruvius, já oferecia uma estrutura teórica para a prática construtiva. No entanto, é apenas no Renascimento que se consolida a noção de “projeto”, ainda que, anteriormente, já existissem lógicas organizadas de instrução do ofício arquitetônico.

Aqui., a discussão sobre o próprio surgimento da profissão torna-se central. Segundo Júlia Coelho Kotchetkoff (2016), uma noção primordial de arquitetura emerge na Antiguidade, enquanto a figura do arquiteto é redefinida na Renascença. Em ambos os períodos, permanece a indissociabilidade entre projetar e construir. Essa condição é reforçada pelo mito da “Cabana primitiva”, formulado por Marc-Antoine Laugier, que estabelece princípios fundadores da arquitetura ocidental e evidencia o caráter formativo do canteiro como espaço de aprendizagem.

As práticas de ensino formal da arquitetura surgem de maneira mais sistematizada posteriormente, com o aparecimento das corporações de ofício ou guildas. Seu ensino estava voltado à produtividade e à transmissão prática do saber. Com o desenvolvimento urbano a partir do século XII, surgem espaços de ensino organizados nas casas dos mestres. Com a intensificação da urbanização, esses espaços evoluem para hospedarias transformadas, então, em colégios. Progressivamente, esses ambientes passam a ser controlados pelas elites, que, a partir do século XV, estabelecem mecanismos para restringir o acesso e a ascensão de alunos de origem mais popular.

O Renascimento marca um ponto de inflexão nesse percurso, com a consolidação das Academias de Arquitetura, como a Accademia di San Luca, de 1577. Essas instituições formalizam o ensino a partir de uma abordagem mais teórica e conceitual. Nesse contexto, os projetos passam a integrar o currículo como ferramenta pedagógica fundamental. O desenho arquitetônico consolida-se, assim, como linguagem própria do arquiteto. Essa transformação, entretanto, aprofunda a separação entre teoria e prática, afastando progressivamente o arquiteto do canteiro e aproximando-o das Artes Plásticas e das Ciências Humanas.

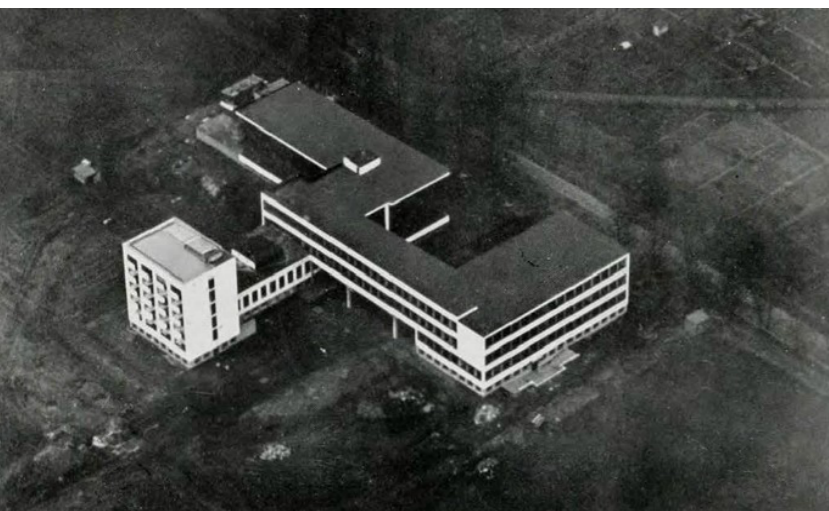
Esse processo atinge sua forma mais consolidada com a École des Beaux-Arts de Paris, cujas origens remontam às academias de Pintura e Escultura (1648) e de Arquitetura (1671). Por mais de um século, a École se estabelece como referência central do ensino de arquitetura no Ocidente. Difunde um modelo pedagógico baseado no ateliê, no qual os alunos desenvolvem projetos sob a orientação de um arquiteto-mestre. O complexo do Palais des Études materializa esse modelo de forma exemplar. Não se trata de um ambiente neutro, mas de uma verdadeira “máquina de ensino”.

Seu núcleo, a Cour Vitrée, abriga cópias em gesso de esculturas e fragmentos arquitetônicos da Grécia, de Roma e do Renascimento. Funciona como uma biblioteca tridimensional de formas canônicas. Assim, a própria arquitetura da escola assume papel pedagógico ativo, ensinando, por meio do espaço construído, princípios como hierarquia, simetria e monumentalidade.

No Brasil, a institucionalização do ensino de Arquitetura e Urbanismo ocorre tardiamente e sob forte influência de modelos europeus. A criação da Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), no Rio de Janeiro, em 1816, introduz um ensino acadêmico baseado no desenho e na composição, enquanto, por décadas, a formação do arquiteto permanece vinculada às Escolas Politécnicas e aos Institutos de Engenharia. Apenas a partir da segunda metade do século XX, com a criação de faculdades autônomas – como a FAU-USP e a posterior reorganização do curso na UFRJ – a arquitetura passa a se afirmar como campo disciplinar independente

A partir desse percurso histórico, torna-se evidente que os modelos pedagógicos da arquitetura não se estruturam apenas a partir de conteúdos e métodos de ensino, mas se materializam de forma direta na organização espacial das escolas e em seus edifícios. O deslocamento do canteiro para o ateliê, a centralidade do projeto como ferramenta pedagógica e a progressiva institucionalização do ensino produziram espaços específicos, capazes de reforçar – ou tensionar – determinadas formas de aprender e praticar arquitetura. Assim, compreender a formação do arquiteto implica também analisar as arquiteturas que abrigam esse ensino, entendendo-as como dispositivos pedagógicos ativos. É nesse sentido que o debate se desloca, a partir deste ponto, para as relações entre pedagogia e espaço construído, tomando como referência experiências modernas fundamentais – como a Bauhaus – e suas reverberações no contexto brasileiro, em especial nas escolas de arquitetura que marcaram a consolidação do ensino no país.

relações pedagógicas vs prédios



Fotografias do espaço físico. Fonte: Autor



Oficina de serralheria - 1927. Autor desconhecido. Disponível em <https://hvr.d.art/o/169185>



Oficina de serralheria - 1927. Autor desconhecido. Disponível em <https://hvr.d.art/o/169185>

A modernidade arquitetônica se constitui como um projeto de ruptura, ao rejeitar o ecletismo historicista e a pedagogia ornamental associada à tradição Beaux-Arts, como amplamente discutido pela historiografia do movimento moderno. Nesse contexto, duas experiências se destacam como paradigmas fundamentais do ensino moderno de arquitetura: a Bauhaus, especialmente em sua fase em Dessau, e a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP). Embora ambas compartilhassem o compromisso com a técnica e a razão como fundamentos do ensino moderno, seus projetos pedagógicos emergiram de contextos históricos distintos e responderam a objetivos diferentes. Enquanto a Bauhaus buscava formular um novo design adequado à era industrial (GROPIUS, 1919), a FAU-USP se orientava pela construção de uma arquitetura voltada à formação de uma nação, inserida em um projeto político e social específico (ARTIGAS, 1962).

Fundada por Walter Gropius em 1919, na Alemanha, a Bauhaus tinha como missão central reconciliar a arte com a indústria, conforme explicitado em seus manifestos inaugurais. Para isso, a escola propunha a eliminação da separação entre artista e artesão, unificando as disciplinas criativas sob a égide da arquitetura, com o objetivo de desenvolver protótipos passíveis de produção em massa. Sua pedagogia, consolidada no período de Dessau (1925–1932), estruturava-se como um sistema inovador, iniciado pelo Vorkurs e desenvolvido nas Werkstätten, retomando o aprendizado pelo fazer como princípio formativo central. Nesse modelo, o estudante aprendia a partir da experimentação direta, sob a tutela de mestres da forma e do ofício, formando um arquiteto concebido como designer-sintetizador, voltado à racionalização e à prototipagem industrial.

Essa concepção pedagógica se expressava diretamente na arquitetura da escola. O edifício da Bauhaus em Dessau (1926), projetado por Gropius, materializava de forma exemplar os princípios defendidos pela instituição. Sua composição

assimétrica em concreto, aço e vidro apresentava-se como uma negação consciente da linguagem Beaux-Arts, substituindo a monumentalidade e a hierarquia formal pela clareza funcional e pela honestidade construtiva. Cada ala do edifício expressava de maneira direta sua função – como a parede-cortina envidraçada das oficinas – fazendo do prédio não apenas um suporte físico para o ensino, mas uma ferramenta pedagógica ativa e um protótipo construído em escala 1:1.

Por sua vez, a FAU-USP consolidou seu projeto pedagógico em um contexto profundamente distinto. A reforma curricular de 1962, liderada por Vilanova Artigas, insere-se em um momento de Brasil desenvolvimentista, no qual a arquitetura era compreendida como instrumento de transformação social e de construção nacional. Diferentemente da Bauhaus, cuja ambição era essencialmente internacional, a FAU-USP buscava formar um arquiteto com “consciência crítica do seu papel num país dependente”, conforme explicitado nos textos e discursos de Artigas. Essa posição se materializa em uma pedagogia baseada na integração indissociável entre Projeto, Tecnologia e História, entendendo o ensino como prática crítica e socialmente comprometida.

Artigas defendia que “o humano, na arquitetura, condiciona o técnico”, atribuindo centralidade ao canteiro de obras e à experimentação prática como meios fundamentais de aprendizado. Essa concepção se materializa no edifício da FAU-USP (1969), concebido em estrutura brutalista de concreto aparente e organizado em torno de um grande vão central. O edifício, frequentemente descrito como uma “escola-abrigo”, explicita a arquitetura como espaço coletivo, político e formador. No centro dessa organização espacial, o Salão Caramelo configura-se como espaço de convivência e debate, pensado para formar não apenas um designer, mas um cidadão. Assim, o arquiteto ideal proposto pela FAU-USP é o arquiteto-intelectual e construtor, agente de transformação social cuja responsabilidade se estende da escala do edifício à da cidade.



Assembleia estudantil, anos 70 - Raul Garcês, acervo FAUUSP



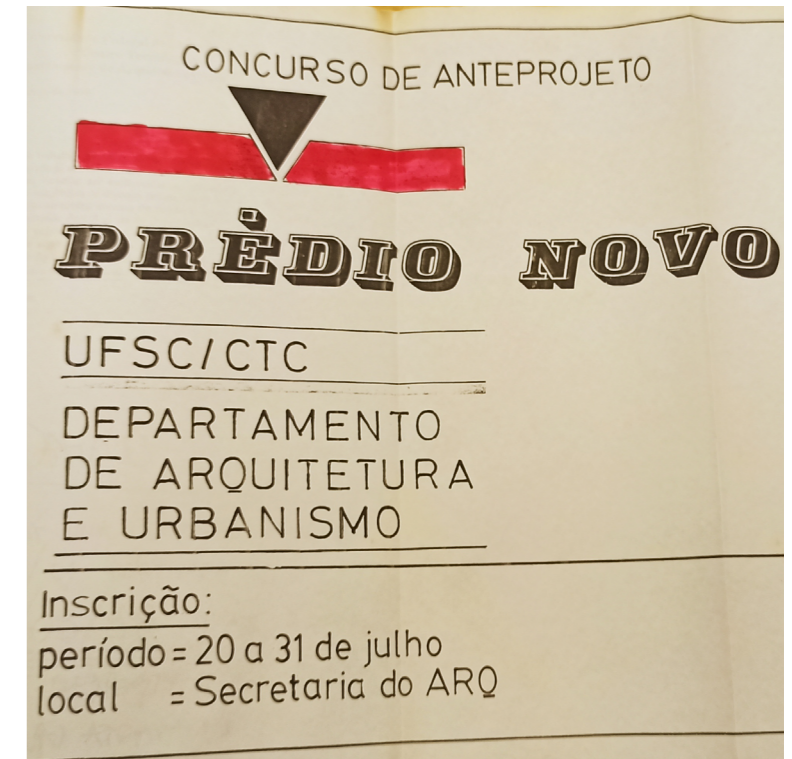
Acesso ao prédio da FAUUSP, 1969 - Barossi, 2016

Concurso e Currículo de 1997



Foto de maquete do Anteprojeto apresentado e eleito vencedor do concurso de 1998 - acervo Secretaria arq&urb UFSC

Assim como observado nos paradigmas modernos – em especial na FAU-USP, onde currículo, projeto pedagógico e edifício foram concebidos de forma indissociável –, a trajetória da ARQ/UFSC também revela tentativas de alinhar ensino e espaço construído. O currículo de 1997 marca um momento de consolidação institucional do curso, ao mesmo tempo em que evidencia tensões entre projeto pedagógico e infraestrutura física. É nesse contexto que se insere o concurso de Anteprojeto para o Prédio Branco, concebido como resposta às demandas de expansão e autonomia do Departamento. O concurso, de 1998, buscava materializar, no edifício, as diretrizes pedagógicas então vigentes, incorporando expectativas de integração, centralidade do ateliê e fortalecimento da vida acadêmica. No entanto, o descompasso entre o projeto vencedor, as adaptações impostas durante a execução e as transformações subsequentes do ensino acabou por produzir um edifício que, embora pensado como solução definitiva, cristalizou limitações espaciais e funcionais. Assim, o Prédio Branco passa a operar menos como dispositivo pedagógico ativo e mais como estrutura rígida, pouco permeável à evolução das práticas de ensino. Um prédio executado pela metade, descaracterizado de seu projeto original, e precarizado pela falta de manutenção.



cartaz de anúncio do concurso de 1998 - acervo Secretaria arq&urb UFSC

o PPC de 2025 e a precariedade do “Prédio Branco”



fachada sul do prédio do departamento de arq.&urb UFSC, 2025.
Fonte: autor

Essa defasagem entre espaço e pedagogia torna-se ainda mais evidente no contexto recente de revisão curricular, materializado no PPC de 2025 e no novo currículo do curso. Diferentemente do momento anterior, o debate atual explicita de forma mais contundente a necessidade de espaços capazes de absorver metodologias flexíveis, colaborativas e integradas, além de ambientes de trabalho contínuo, permanência qualificada e experimentação construtiva. Nesse sentido, a discussão sobre um novo edifício deixa de ser apenas uma questão de ampliação ou modernização da infraestrutura e passa a se configurar como desdobramento direto do projeto pedagógico contemporâneo. Retoma-se, assim, a compreensão do edifício escolar como parte constitutiva do ensino, recolocando a arquitetura como agente ativo na formação do arquiteto.



detalhe do reboco caindo do prédio branco, arq.&urb UFSC, 2025.
Fonte: autor

determinantes

O terreno escolhido para esse exercício de projeto foi o mesmo local onde o departamento de arq. e urb. UFSC se encontra atualmente. Para englobar um programa coerente, partiu-se da análise crítica do Edital para o concurso de 1998, o qual oferecia um quadro de áreas detalhado. Esse quadro foi revisado pelo autor, reestruturado e serviu como base para os primeiros ensaios. No decorrer do trabalho, esse programa foi sendo atualizado como resultado de entrevistas, conversas e pesquisas, chegando num programa de necessidades que estabelece elo entre o desejo utópico de prédio ideal e a realidade material do curso.

Além do programa produzido coletivamente, estabeleci individualmente o respeito total e inequívoco à área de preservação permanente existente no terreno. O arquiteto, mesmo nos seus momentos mais sonhadores, deve sempre priorizar as áreas verdes e os cursos d'água. Outras fontes foram consultadas, como a setorização e normas de ocupação do DPAE e da Prefeitura do Campus UFSC Trindade. A vegetação presente no terreno foi determinante na locação da proposta, com atenção para árvores nativas e de importância histórica e política no curso.

Para conversar com o entorno e com a história do curso, escolheu-se a madeira como elemento estrutural e de vedação: paredes e lajes de CLT, vigas e pilares de MLC e madeira maciça, coberturas inclinadas com tesouras em madeira. Utilizou-se tecnologias de sustentabilidade, como o reaproveitamento de água da chuva para canteiro experimental, e a produção de energia elétrica por sistema fotovoltaico



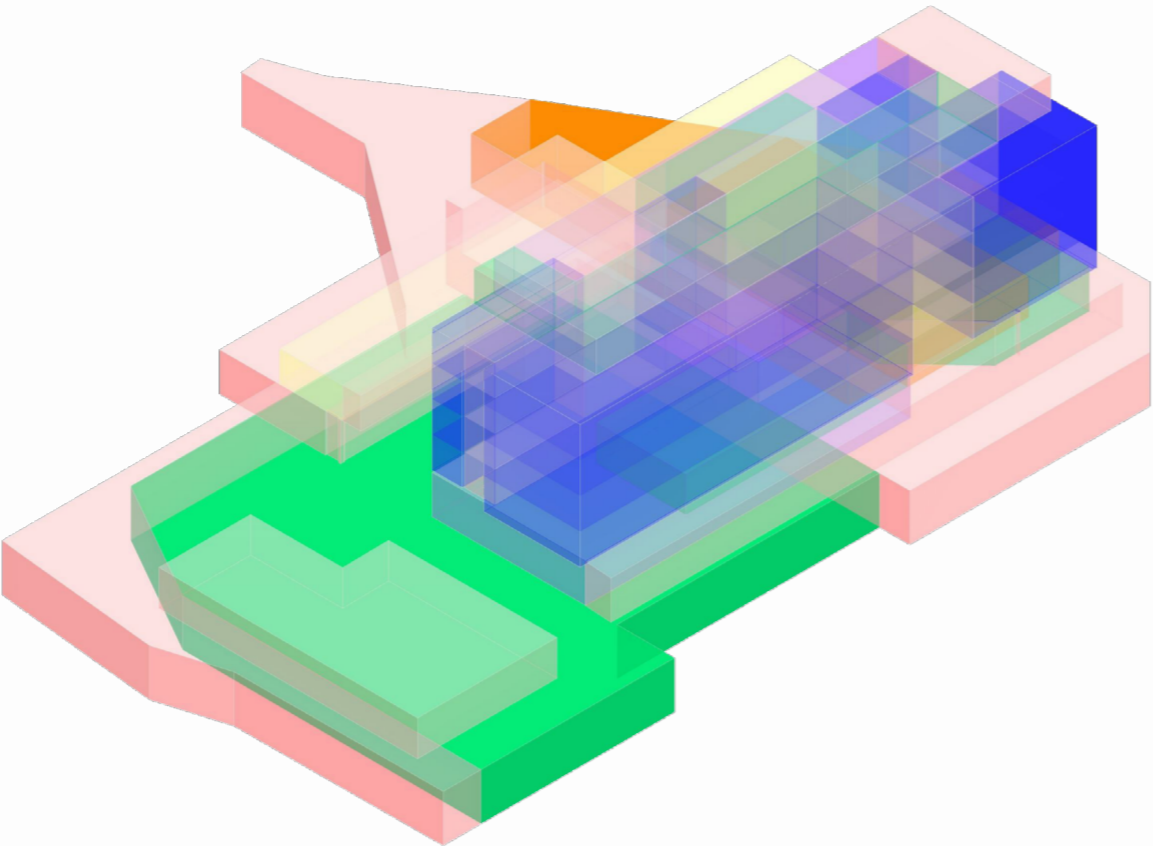
em vermelho, zoneamento de APP
em preto, terreno demarcado para proposta



O entorno foi tratado como parte do prédio, num movimento de abertura da universidade para a cidade. Onde o prédio branco se isola, a proposta se abre: um acesso direto à rua dep. Edu Vieira, ligando a ampla calçada e ciclovia diretamente ao prédio, como vemos na renderização acima.

partido arquitetônico

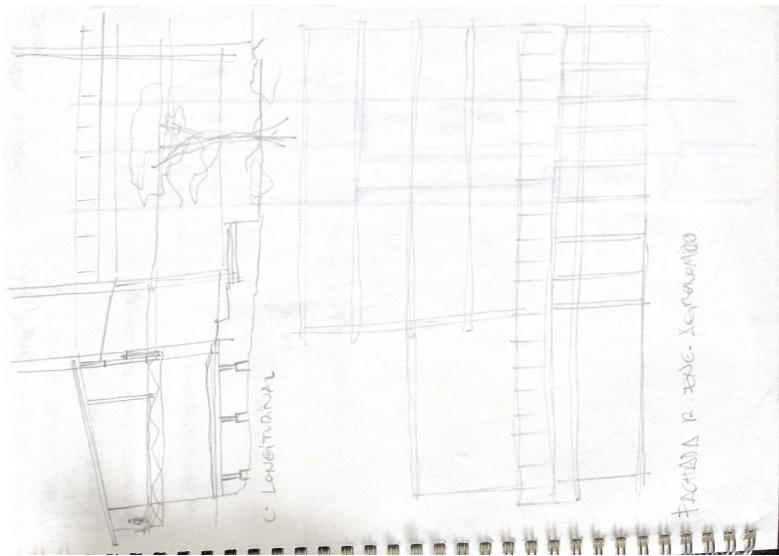
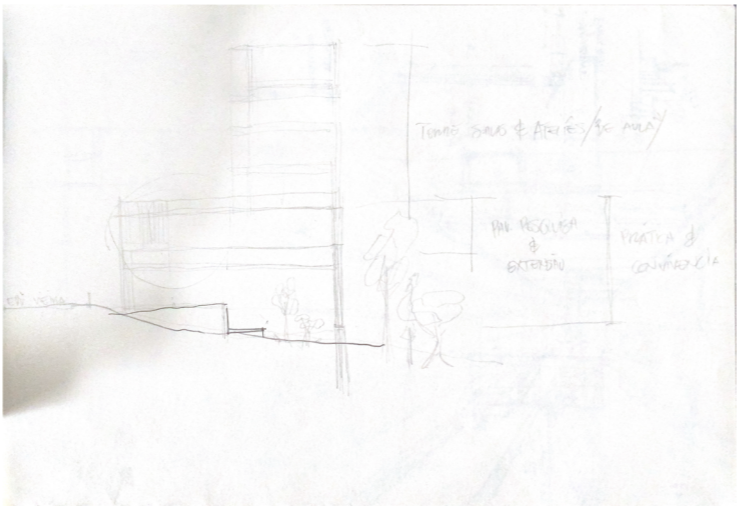
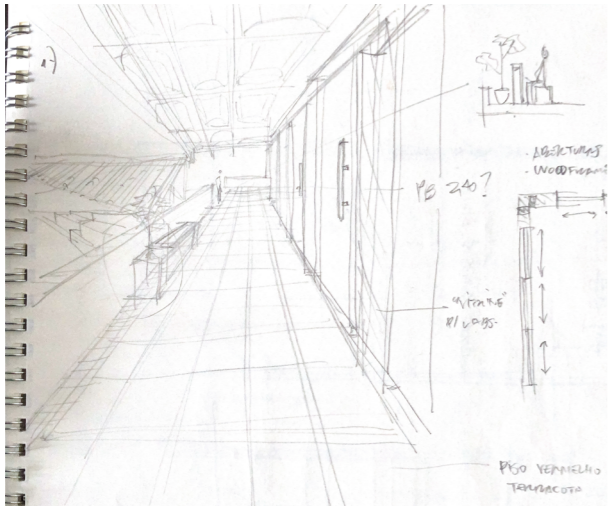
A metodologia de projeto seguiu por duas frentes simultaneas: conceitual e programática. A primeira tomou partido de maquetes, desenhos livres e modelagem computacional; a segunda tratou de organizar planilhas, áreas e zonas de influência acústica, visual, fluxo de pessoas e outros fatores mais estritamente relacionados a programa de necessidades.

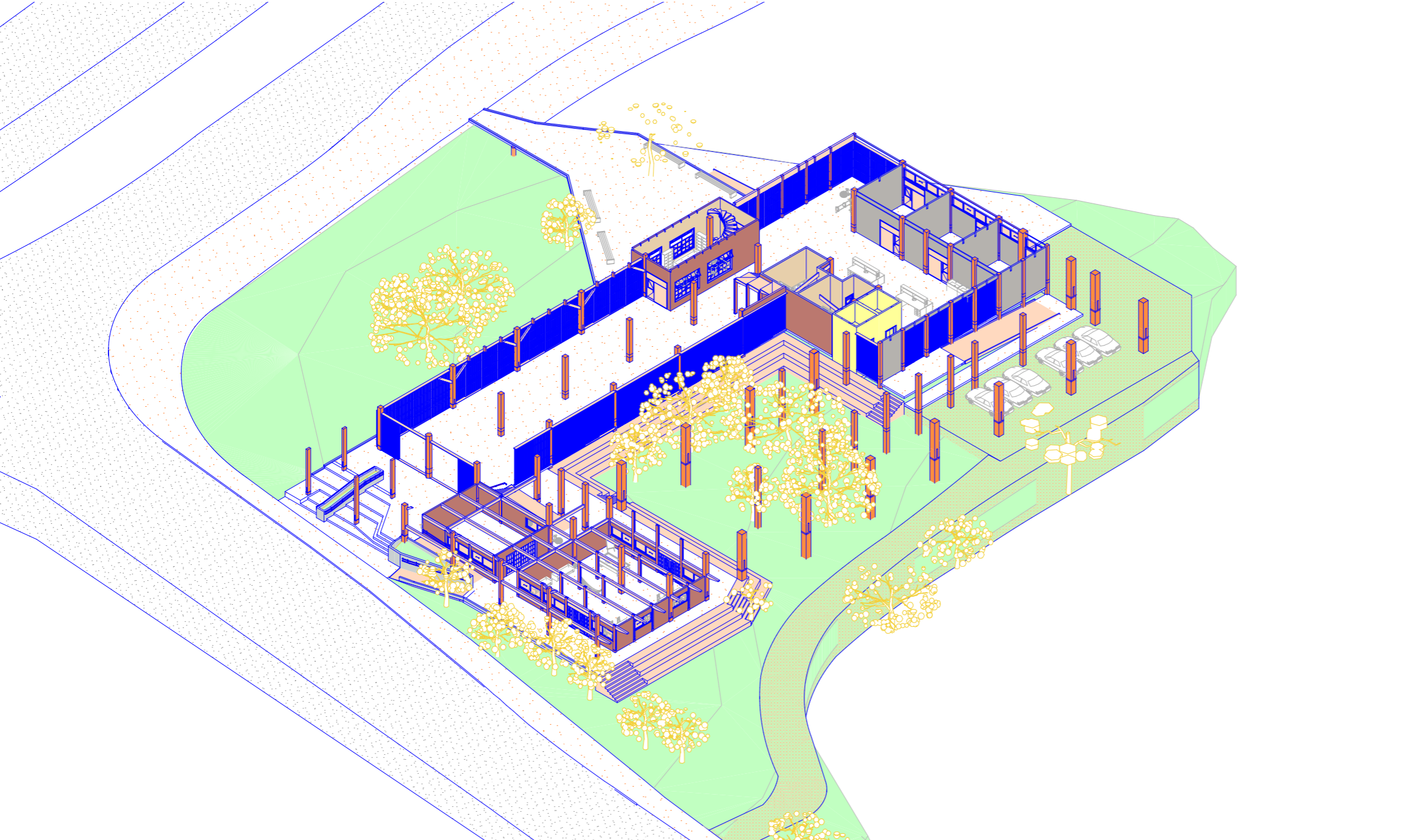


SETOR	AMBIENTE	USUÁRIOS	ÁREA (m2)	NÍVEL	HIERARQUIA SONORA	PRIVACIDADE	
ADMINISTRATIVO/BUROCRACIA	SECRETARIA GRADUAÇÃO	2	15	TÉRREO	BRANDO	COMPARTIL...	
	SECRETARIA PÓS	2	15	TÉRREO	BRANDO	COMPARTIL...	
	SECRETARIA DEPARTAMENTO	2	15	TÉRREO	BRANDO	COMPARTIL...	
	SALA REUNIÃO	10	30	TÉRREO	BRANDO	COMPARTIL...	
	ALMOXARFADO/ACERVO/MOBILIÁRIO	1	60	TÉRREO	BRANDO	COMPARTIL...	
	COPA	4	15	TÉRREO	BRANDO	COMPARTIL...	
	CHEFIA DEPARTAMENTO	2	10	TÉRREO	BRANDO	PRIVADO	
	COORDENAÇÃO GRADUAÇÃO	2	10	TÉRREO	BRANDO	PRIVADO	
	COORDENAÇÃO PÓS	2	10	TÉRREO	BRANDO	PRIVADO	
	ÁREA FOTOCOPIA	1	5	TÉRREO	BRANDO	COMPARTIL...	
ÁREA TOTAL = 185							
APOIO E MANUTENÇÃO	PORTARIA E GUARITA	5	25	TÉRREO	BRANDO	PRIVADO	
	PAPELARIA/FOTOCOPIAS	4	20	TÉRREO	BRANDO	PRIVADO	
	LANCHONETE/REFEITÓRIO	50	80	JARDIM SUS...	BRANDO	COMPARTIL...	
	WCs - 1 x CADA 20 PESSOAS	500	100	TODOS	BRANDO	COMPARTIL...	
	ALMOXARFADO LIMPEZA	4	20	TÉRREO	BRANDO	PRIVADO	
	COPA TRABALHADORES	6	20	TÉRREO	BRANDO	PRIVADO	
	CUBICULOS ORIENTAÇÃO E ESTUDO	60	150	JARDIM SUS...	SILÊNCIO	PRIVADO	
	NÚCLEO DE PROFESSORES	50	200	JARDIM SUS...	BRANDO	COMPARTIL...	
	VESTIÁRIO TRABALHADORES (MF)	6	20	TÉRREO	BRANDO	PRIVADO	
	CASA DE MÁQUINAS	2	20	TORRE	BRANDO	PRIVADO	
BARRILETES	2	20	TORRE	BRANDO	PRIVADO		
NÚCLEO RÍGIDO ELEVADORES	16	20	TODOS	BRANDO	PRIVADO		
ÁREA TOTAL = 695							
SETOR PESQUISA E EXTENSÃO	PET	15	50	JARDIM SUS...	BRANDO	COMPARTIL...	
	AMA	30	100	JARDIM SUS...	BRANDO	COMPARTIL...	
	LEUR	8	40	JARDIM SUS...	BRANDO	COMPARTIL...	
	LDA	10	80	JARDIM SUS...	SILÊNCIO	COMPARTIL...	
	LABURB *ATELIE	15	60	JARDIM SUS...	BRANDO	COMPARTIL...	
	LABPROJ *ATELIE	10	50	JARDIM SUS...	BRANDO	COMPARTIL...	
	ATELIE/ESTUDO PESQUISADORES	40	100	JARDIM SUS...	BRANDO	COMPARTIL...	
	LABCON	50	100	JARDIM SUS...	BRANDO	COMPARTIL...	
	SALA SUPERVISORES	8	40	JARDIM SUS...	SILÊNCIO	PRIVADO	
	LABMICRO	50	70	JARDIM SUS...	BRANDO	PRIVADO	
SALA SERVIDORES	4	30	JARDIM SUS...	BRANDO	COMPARTIL...		
ÁREA TOTAL = 720							
PRÁTICA E EXPERIMENTAÇÃO	CANTERO EXPERIMENTAL	60	350	TÉRREO	BRANDO	COMPARTIL...	
	LABMOMA	50	200	TÉRREO	BRANDO	COMPARTIL...	
	LABRISCO	50	200	TÉRREO	BRANDO	COMPARTIL...	
	LABRESTAURO	50	200	TÉRREO	BRANDO	COMPARTIL...	
	SALA SERVIDORES	4	30	JARDIM SUS...	BRANDO	COMPARTIL...	
	SALA COORDENADORES	4	30	JARDIM SUS...	BRANDO	COMPARTIL...	
	SALA REUNIÃO	2	10	JARDIM SUS...	BRANDO	PRIVADO	
	VESTIÁRIO TRABALHADORES	15	28	JARDIM SUS...	BRANDO	COMPARTIL...	
	ÁREA TOTAL = 1048						
	CONVÍVIO E EVENTOS	ATELIE LIVRE (COM 200 ARMÁRIOS)	100	250	JARDIM SUS...	BRANDO	COMPARTIL...
PRAÇA/HALL EXPOSIÇÕES		80	300	TÉRREO	BRANDO	COMPARTIL...	
AUDITÓRIO		150	200	TORRE	SILÊNCIO	PRIVADO	
CALA		40	80	TÉRREO	BRANDO	COMPARTIL...	
ATARQ		20	50	TÉRREO	BRANDO	COMPARTIL...	
COPAREFEITÓRIO ENTIDADES		20	20	TÉRREO	BRANDO	COMPARTIL...	
ÁREA TOTAL = 900							
AULAS		ATELIES (6 unid - 50p) - 120m² cada	270	720	TORRE	BRANDO	PRIVADO
		SALAS EXPOSITIVAS GRANDES (4unid - 50p) - 80m² cada	200	320	TORRE	BRANDO	PRIVADO
		SALAS EXPOSITIVAS PEQUENAS (4unid x 25p) - 50m² cada	100	200	TORRE	BRANDO	PRIVADO
	ATELIE DESENHO E MAQUETE (2 unid - 50p) - 120m² cada	100	240	TORRE	BRANDO	PRIVADO	
	ÁREA TOTAL = 1480						

1. isométrica - zoneamento proposta

2. planilha - programa de necessidades





No térreo, um grande hall livre. Pode atuar como área de lazer, de aulas, de eventos, de exposições. Esse hall tem dois acessos, um pela r. Edu Vieira, integrado com o canteiro experimental, outro pela eng. agr. andrei cristian ferreira, ligado às entidades e ao espaço comercial O bosque organiza as dinâmicas de volume, e é todo cercado por uma ampla arquibancada de concreto.w Há estacionamento exclusivo para vagas especiais.

Grandes portões de correr, com molduras de madeira e folhas de telha translúcida fecham o volume do hall, reforçando a versatilidade do espaço ao oferecer variedade de luz, som, fluxos e eixos visuais.

isométrica - térreo



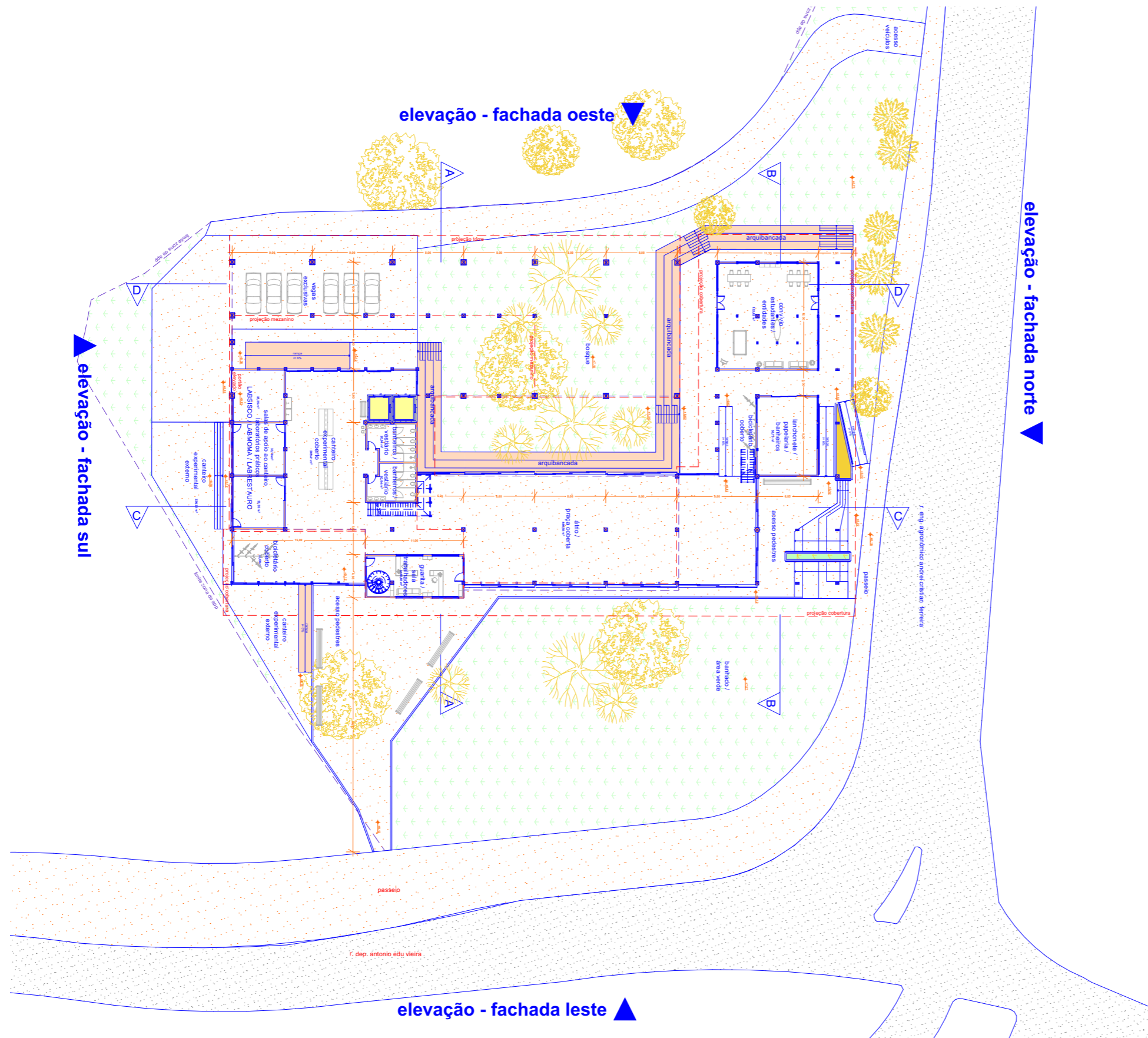
acesso hall - r. eng. agron. andrei cristian ferreira



fachada aberta para a r. dep. Edu Vieira



vagas estacionamento



dinamica entre hall e bosque coberto

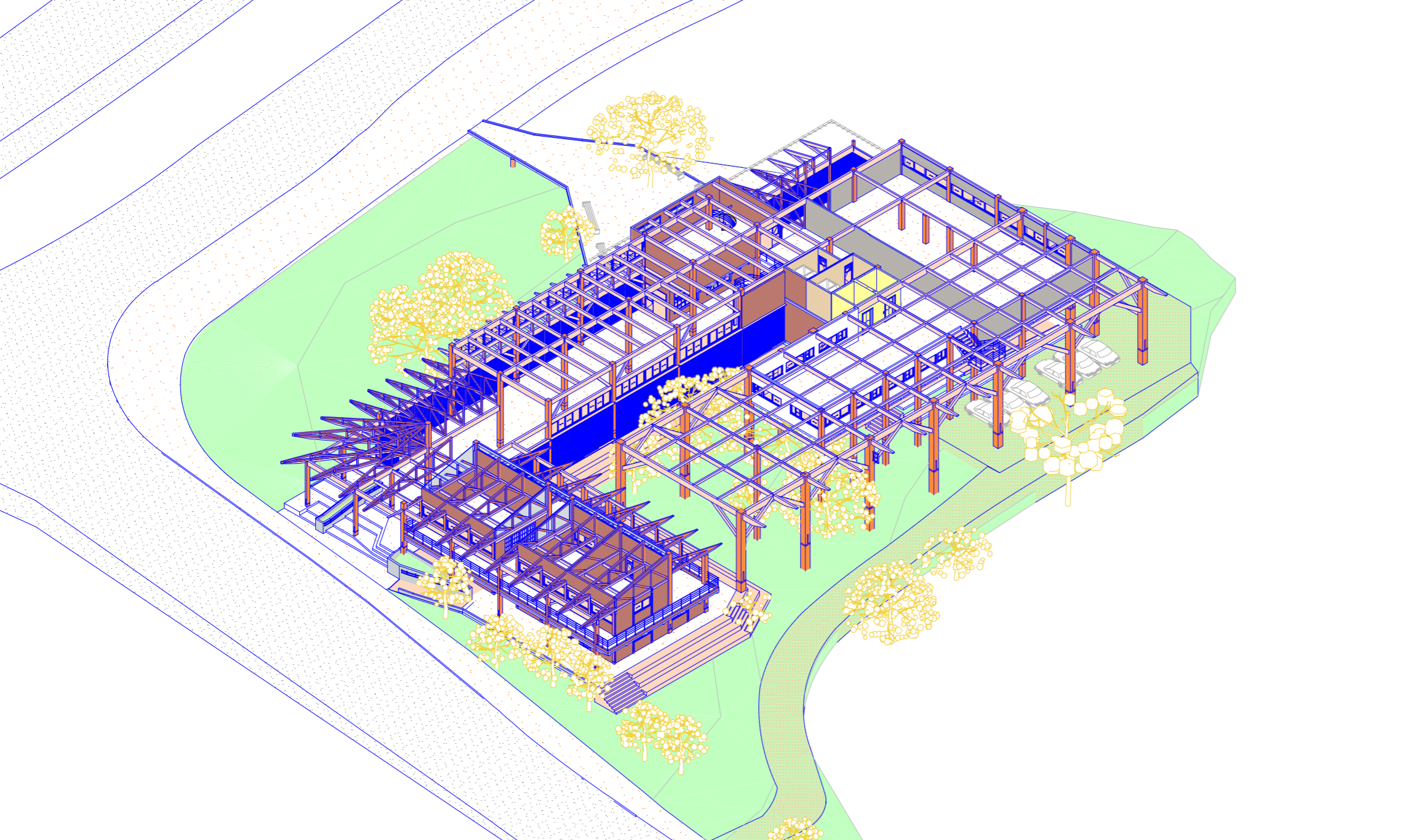


canteiro experimental coberto



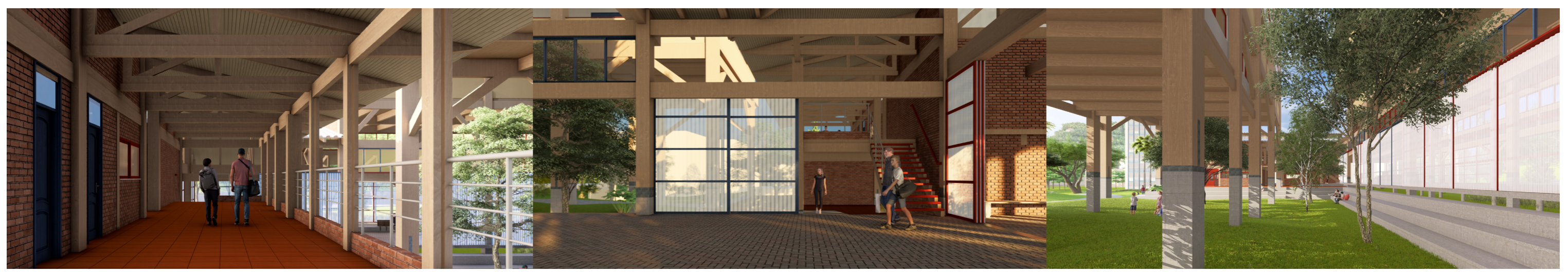
canteiro experimental aberto

planta - térreo
esc. 1:500



O mezanino estabelece transição entre o embasamento e a torre. Organizado pela estrutura de madeira, possui salas pra entidades, atelie livre e laboratórios de sistemas construtivos, maquetes e restauro.

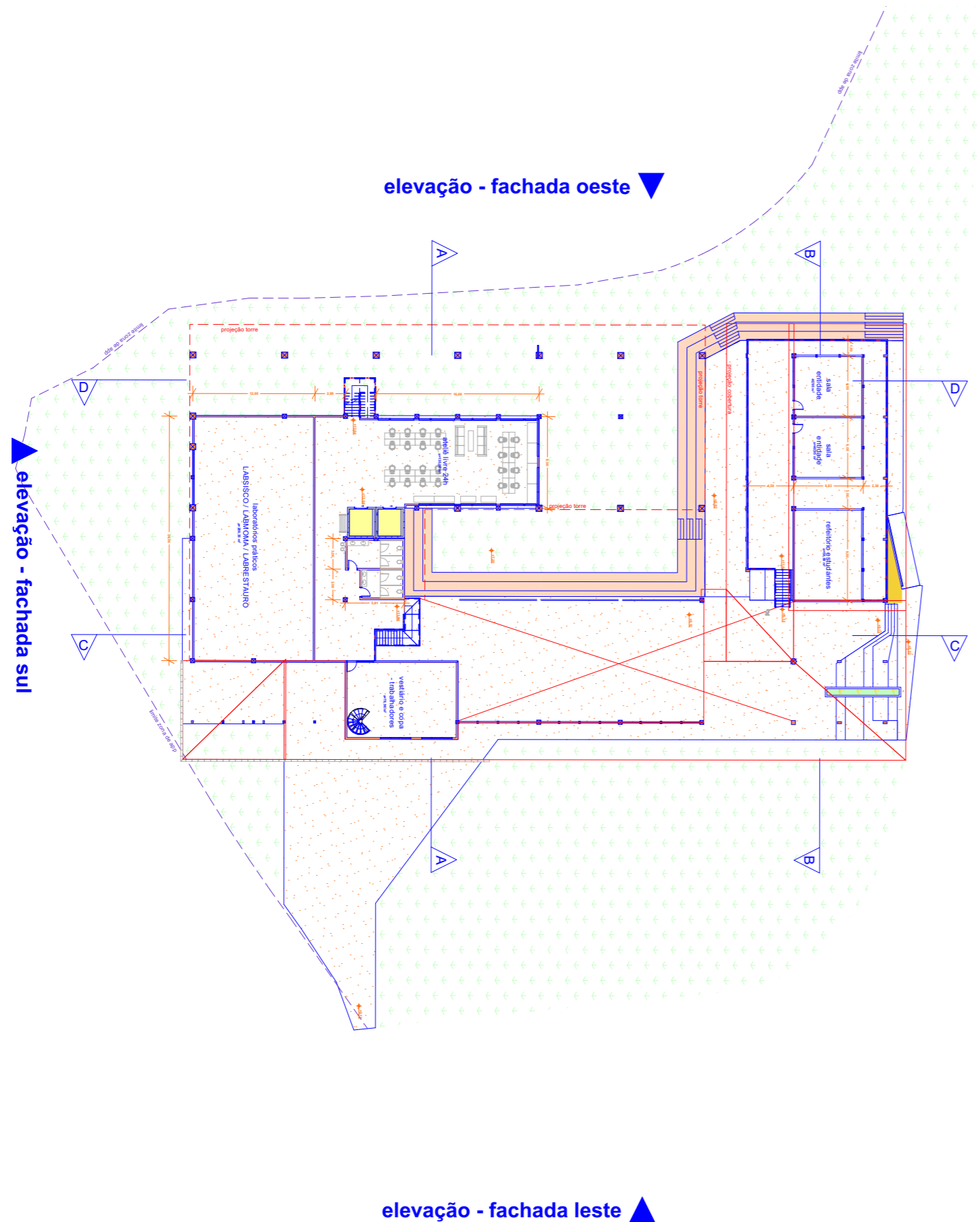
isométrica - mezanino



mezanino entidades

conexão com hall

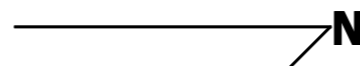
estrutura do mezanino cobrindo parte do bosque



elevação - fachada oeste ▼

▲ elevação - fachada sul

▲ elevação - fachada leste



▲ elevação - fachada norte ▼



fachada de acesso via rua eng. agron. andrei cristian ferreira



arquibancada, entidades e mezanino



bicicletário, guarita e escadas de acesso ao mezanino

planta - mezanino
esc. 1:500



o primeiro pavimento da torre abriga a maior parte do setor de pesquisa e extensão, os núcleos de professores e um amplo anfiteatro.

isométrica - torre 1



varanda pesquisadores



vista ampla da edificação



estrutura do mezanino cobrindo parte do bosque



No segundo pavimento da torre, distribuem-se ateliês, salas de aulas expositivas e o setor administrativo e de coordenações. Há também uma praça elevada, com um banco linear que replica o desenho da antiga escola.

Os ateliês possuem um pé direito variável, parcialmente cobertos pelo pavimento superior, e parcialmente com pé direito duplo. Suas divisórias são flexíveis, mas oferecem total isolamento caso necessário dividir a sala em salas menores. A estrutura faz é aparente e faz parte do cotidiano dos estudantes.

Além de salas de aula e ateliês, há também pequenas camaras para estudo individual, assessoramentos e orientações, sendo esses espaços disponíveis para toda a comunidade acadêmica do curso: pesquisadores, professores, graduandos.

Todos os pavimentos da torre contam ainda com espaços de descompressão.

isométrica - torre 2



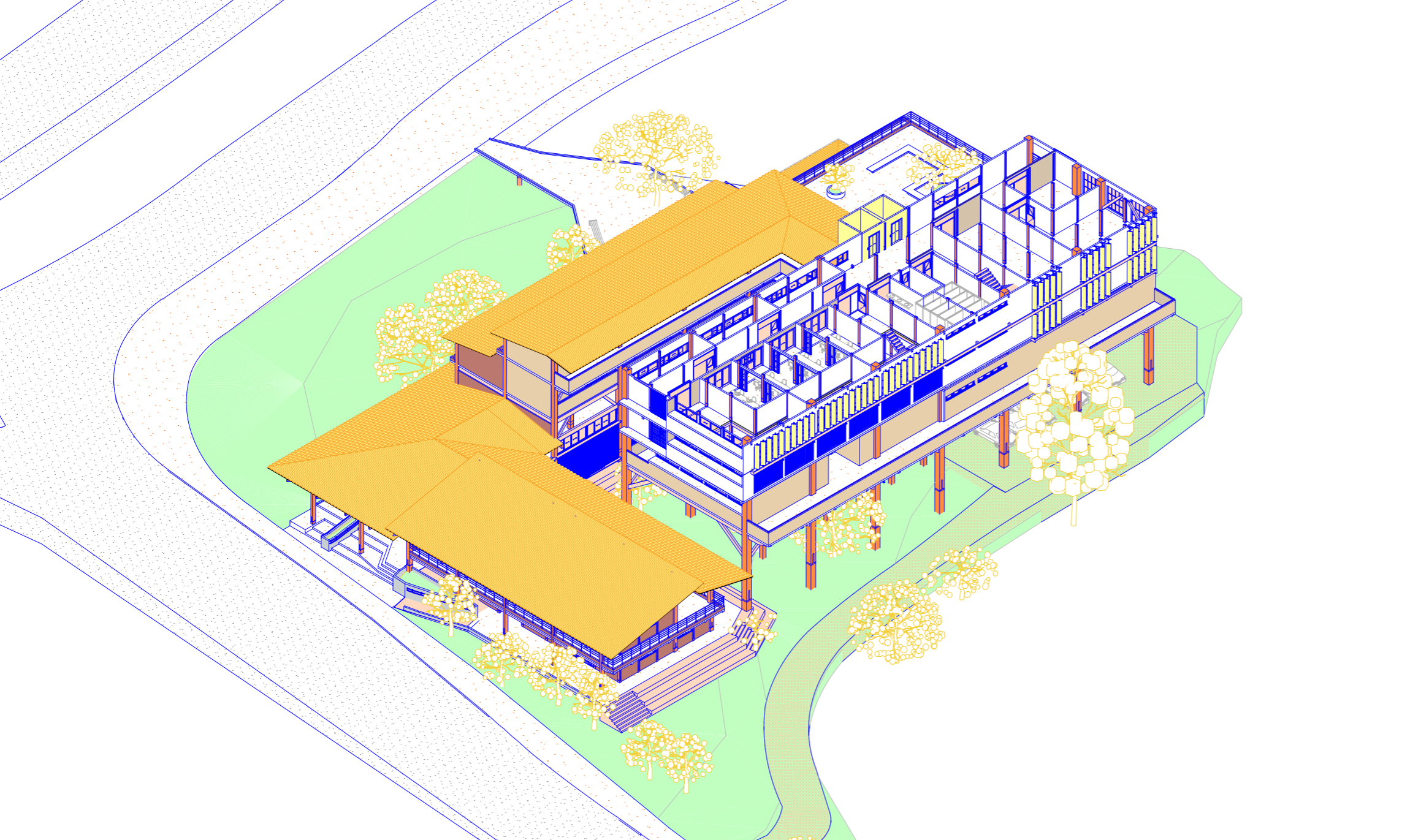
fachada norte, acesso para rua eng. agron. andrei cristian ferreira



ateliês integrados com divisórias abertas



descompressão

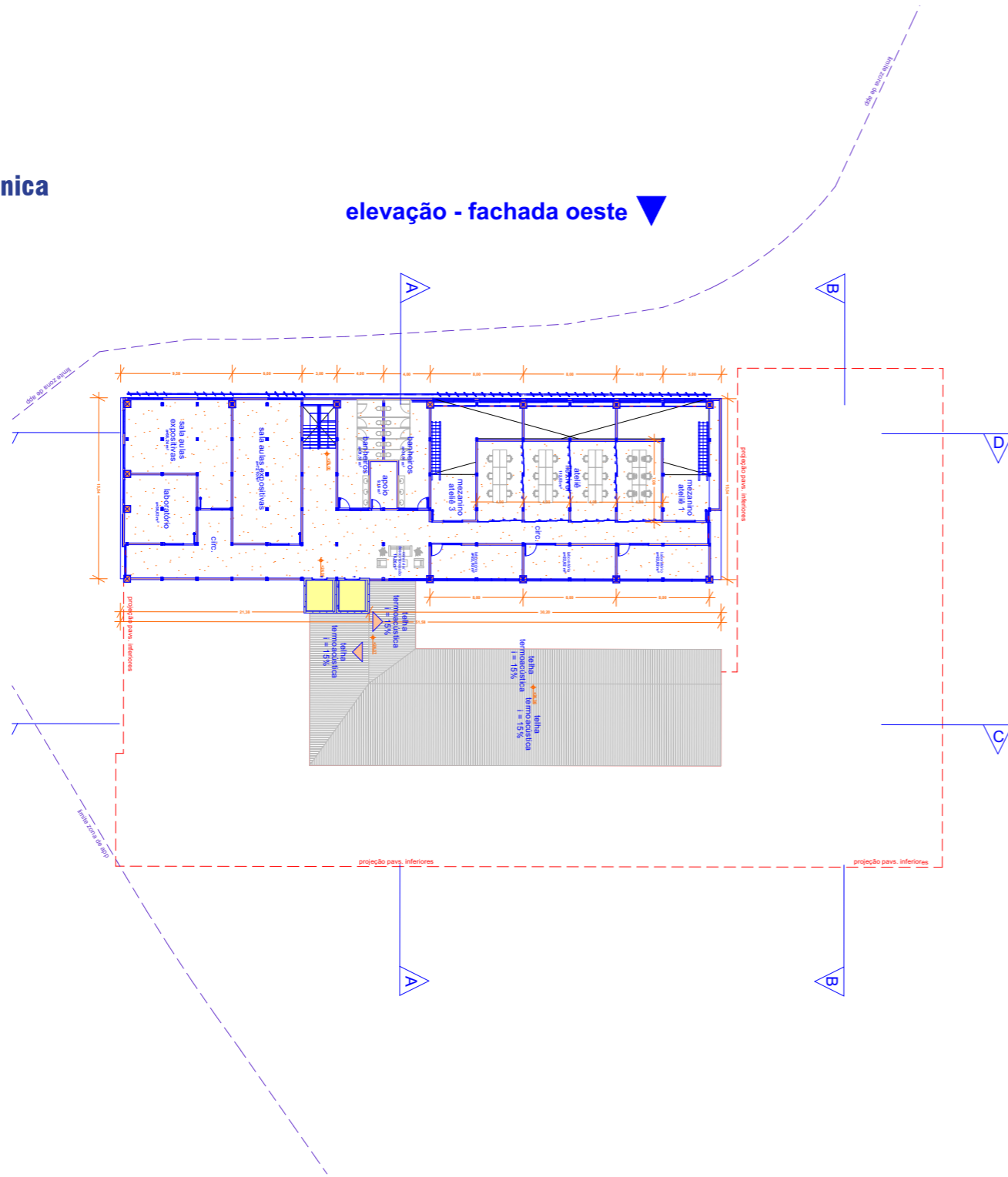


Nesse nível, os ateliês são mais enxutos e possuem uma permeabilidade visual com as salas do nível inferior. A ideia é favorecer o convívio entre fases distintas, com aparelhos e equipamentos compartilhados entre os níveis de ateliês, mas ainda tendo a organização e privacidade suficiente para ministrar aulas separadamente.

Nesse pavimento, devido ao pé direito duplo do pav. inferior, a fachada oeste possui proteção por brises verticais, evitando insolação direta nos horários mais quentes do verão.

isométrica - torre 3

proposta arquitetônica



elevação - fachada oeste ▼

elevação - fachada norte ▼

planta - torre 3
esc. 1:500



Esse pavimento segue a lógica de pé direito duplo do pav. Torre 2, com variações em layout, tomando partido da flexibilidade que o grid estrutural e a tecnologia construtiva oferecem.

isométrica - torre 4



ateliês integrados com divisórias abertas

descompressão



Último pavimento da tipologia de salas e ateliês, finalizando também a disposição de brises na fachada.

isométrica - torre 5

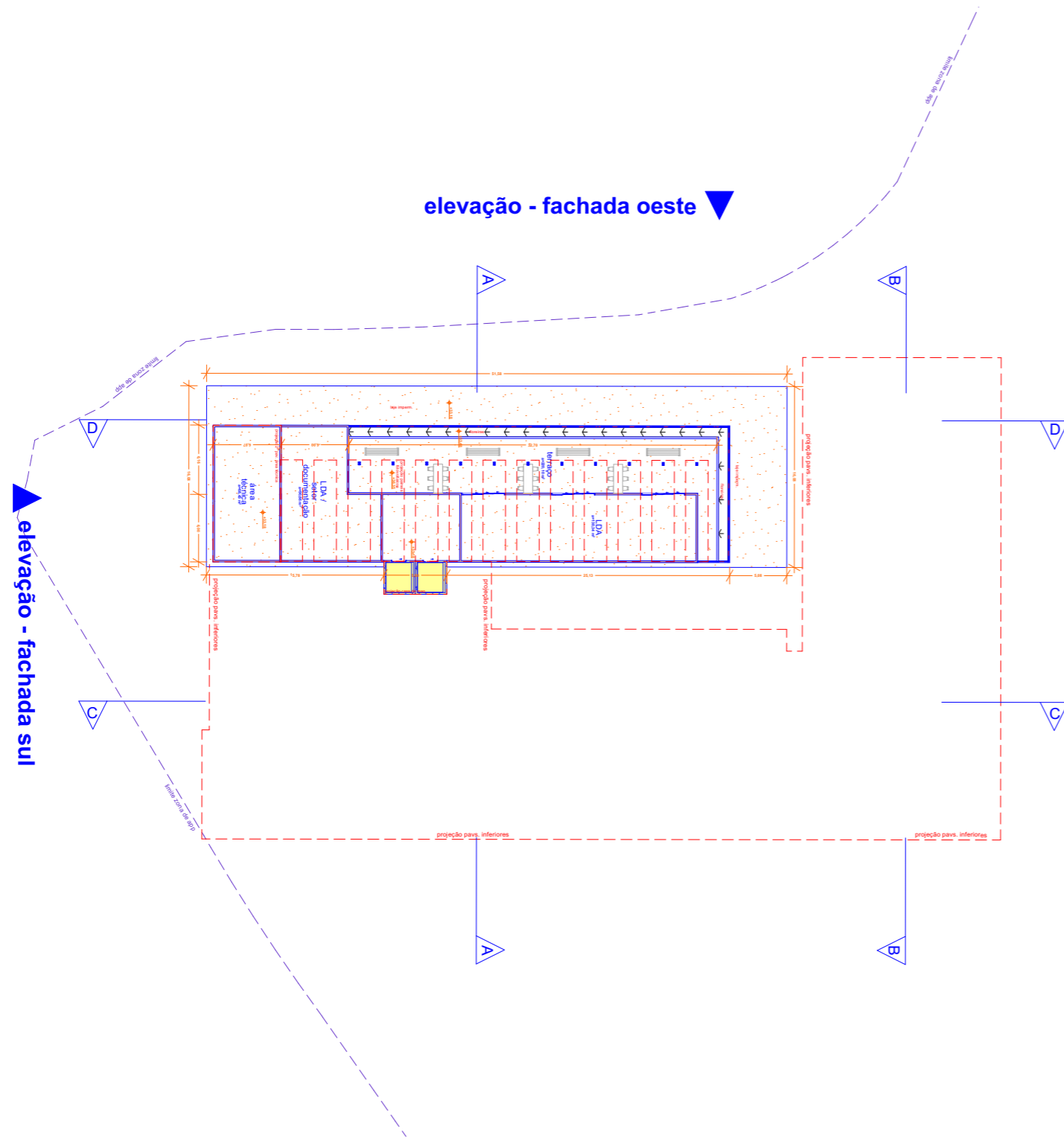


A cobertura foi desenhada de modo a manter o escalonamento volumétrico do edifício, com um recuo na fachada oeste para que, do nível do observador, a fachada oeste demarcasse a horizontalidade do prisma construído. Optou-se pelo movimento contraintuitivo de colocar o LDA na cobertura, para aproveitar a vista panorâmica e o silêncio obtido nas alturas. A cobertura é parcialmente impermeabilizada plana, e parcialmente coberta pelo sistema que abarca as placas fotovoltaicas de geração de energia elétrica.

isométrica - cobertura



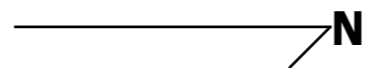
terraço com jardineiras, acesso pelo LDA



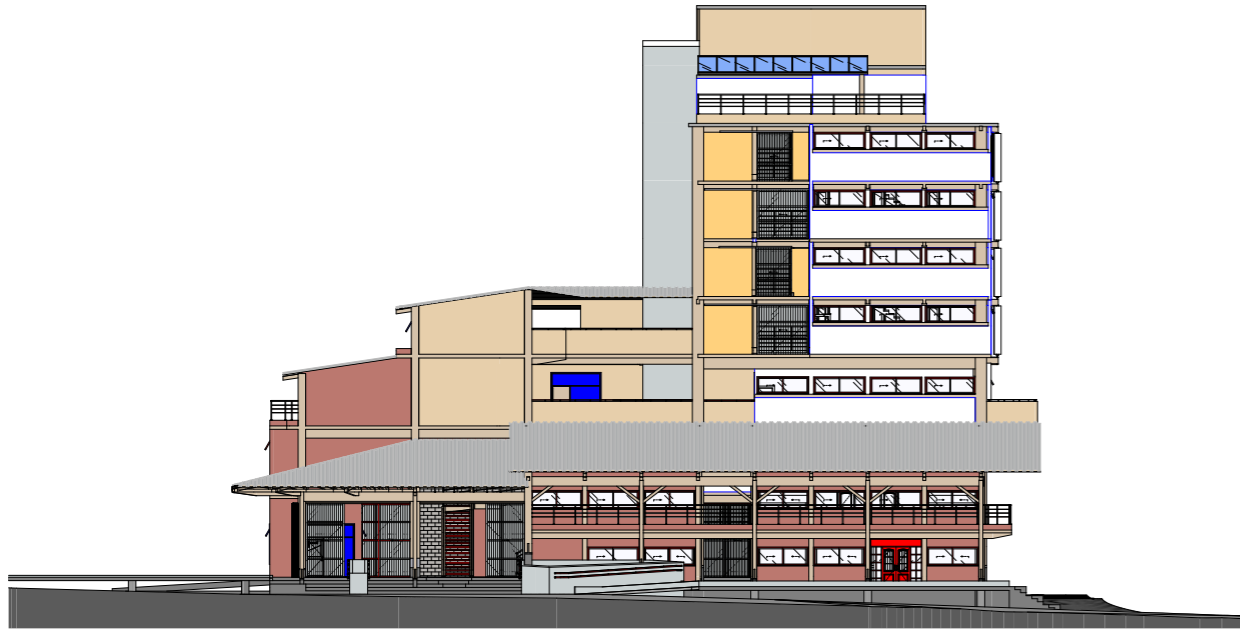
elevação - fachada oeste ▼

▲ elevação - fachada sul

▲ elevação - fachada norte ▼



planta - torre 5
esc. 1:500



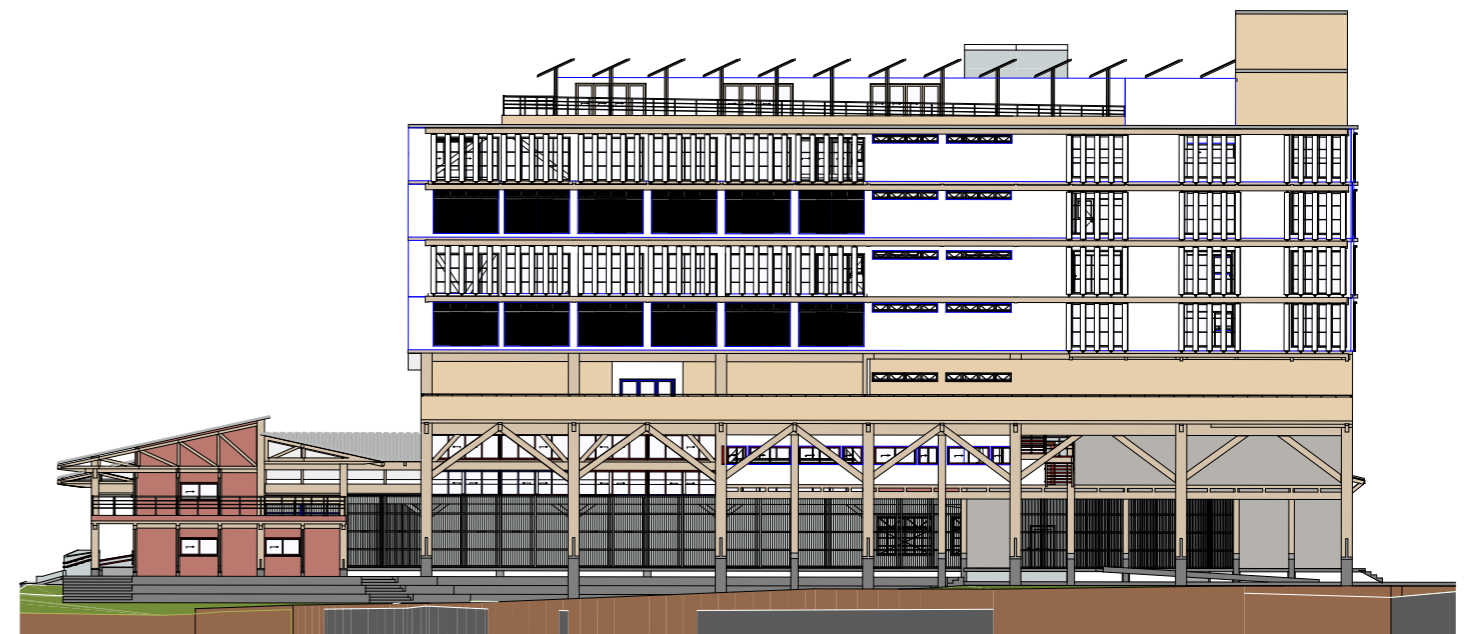
elevação norte



elevação sul



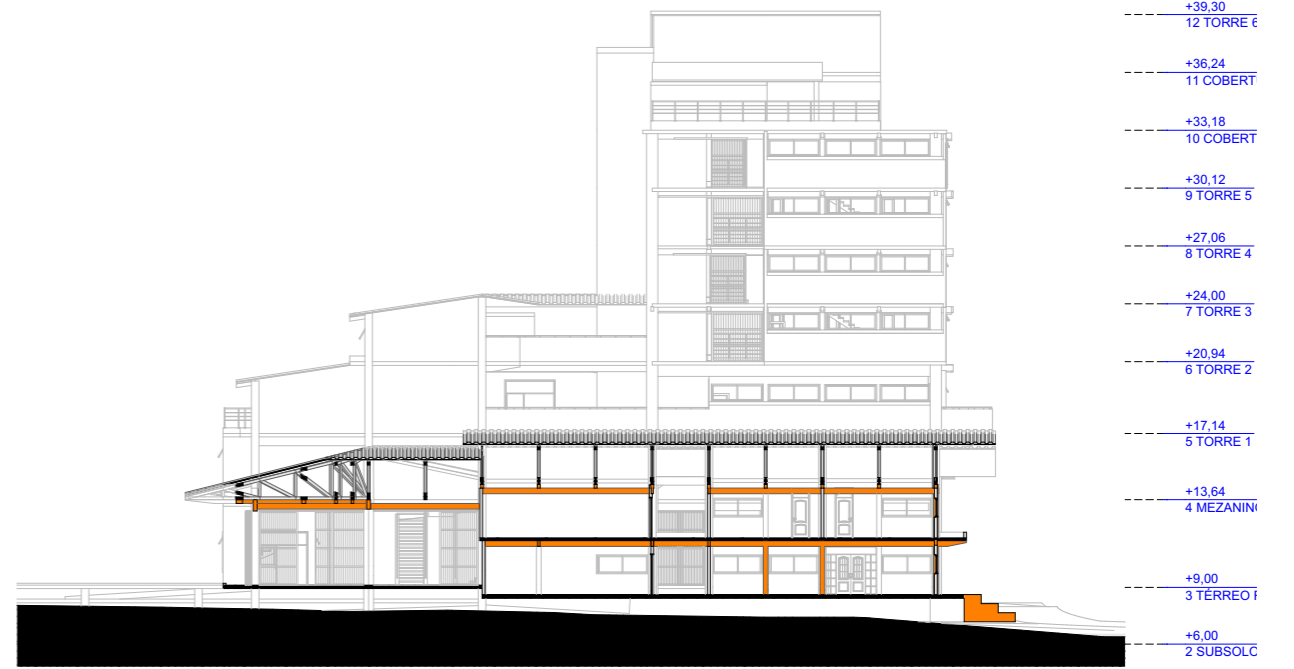
elevação leste



elevação oeste



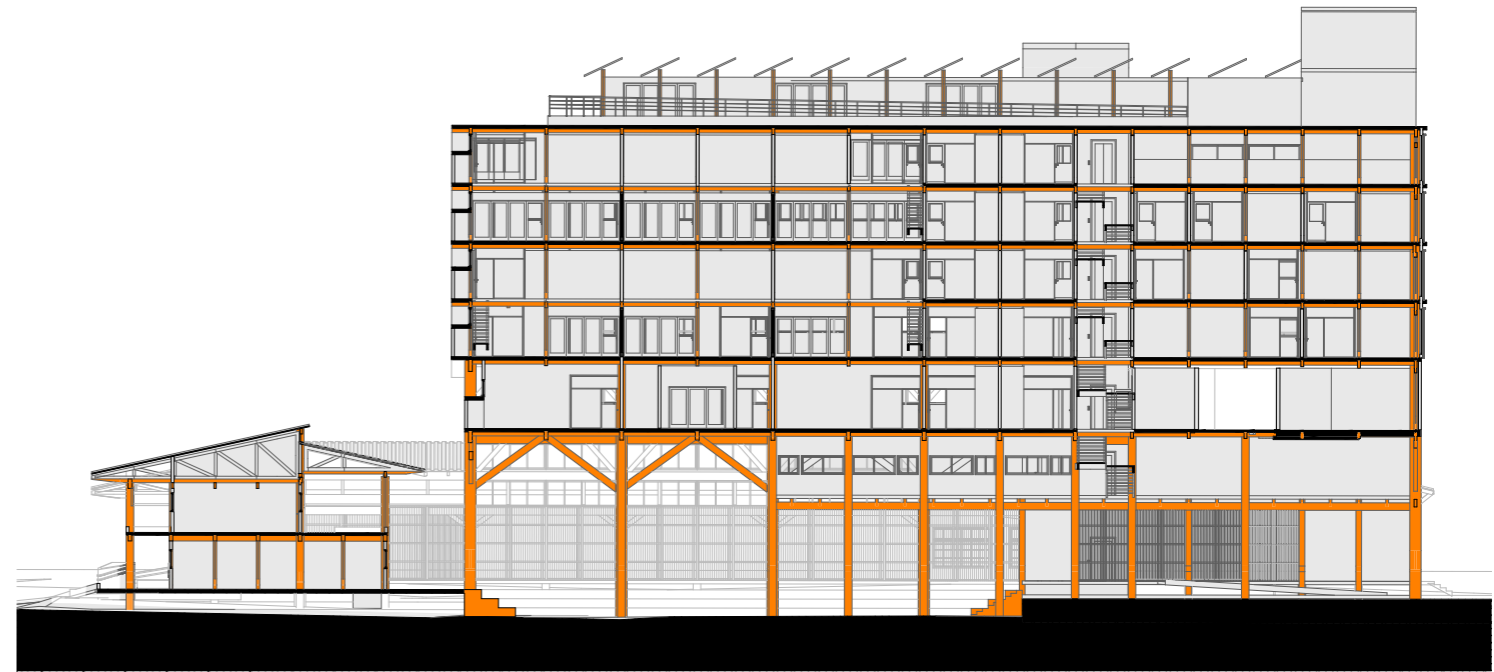
corte aa



corte bb



corte cc



corte dd

referências

Biesuz, Angela Letícia Oliveira. O Espaço conta histórias: resgate de memória do ARQ-UFSC e possibilidades de futuro. TCC - Arquitetura e Urbanismo UFSC. 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/244990>

BUFFA, Ester; PINTO, Gelson de Almeida. Arquitetura e educação: câmpus universitários brasileiros. São Carlos: EdUFSCar, 2009. <https://doi.org/10.7476/9788576003748>

Kotchetkoff, Júlia Coelho. Limites e possibilidades no ensino de projeto de arquitetura. Dissertação (Mestrado) Arquitetura e Urbanismo – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2016. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/102/102132/tde-23012017-105436/pt-br.php>

LESSA, Juliane Bellot Rolemberg. O ensino na prancheta: da arquitetura escolar à docência de arquitetura e urbanismo, o legado de Hélio Duarte. 2017. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. doi:10.11606/D.16.2018.tde-27062017-163233. Acesso em: 2024-12-08.

Minto, Fernando Cesar Negrini. A experimentação prática construtiva na formação do arquiteto. Dissertação (Mestrado) Arquitetura e Urbanismo – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2009. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16132/tde-26042010-152603/pt-br.php>

Naruto, Minoru. Repensar a formação do arquiteto. Tese (Doutorado) Arquitetura e Urbanismo – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2007. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16131/tde-27052010-152920/pt-br.php>

Pronsato, Sylvia Adriana Dobry. Para quem e com quem: ensino de arquitetura e urbanismo. Tese (Doutorado) Arquitetura e Urbanismo – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16136/tde-08112010-162938/pt-br.php>

SCHLEE, Andrey Rosenthal; GUTIERREZ, Ester Judite Bendjouya; COSTA, Fernando José de Medeiros; MARAGNO, Gogliardo Vieira; OLIVEIRA, Isabel Cristina Eiras De; QUEIRÓS, Pedro Lopes De; OLIVEIRA, Vanderlí Fava De; SANTOS JUNIOR, Wilson Ribeiro Dos. Trajetória e estado da arte da formação em engenharia, arquitetura e agronomia / Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira; Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia, 2010. v. Volume X. Disponível em <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-diversas/temas-da-educacao-superior/trajetoria-e-estado-da-arte-da-formacao-em-engenharia-arquitetura-e-agronomia-2013-volume-x-2013-arquitetura-e-urbanismo>

Unanue, Mariane Garcia. Ensinando fora do centro : as referências no ensino de introdução à concepção em arquitetura e suas possibilidades para uma pedagogia do projeto no contexto pericêntrico. Tese (Doutorado) Arquitetura e Urbanismo – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/21/teses/890085.pdf>

Westphal, Eduardo. Onde se formam arquitetos: sobre os espaços de escolas de arquitetura no Brasil. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/216478>